



VIOLÊNCIA URBANA E SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL EM CAMPOS DOS GOYTACAZES

Nágila da Silva Ferreira
Universidade Federal Fluminense
nagela_sf@hotmail.com

Silvana Cristina da Silva
Universidade Federal Fluminense
silvanasilva@id.uff.br

1 – INTRODUÇÃO

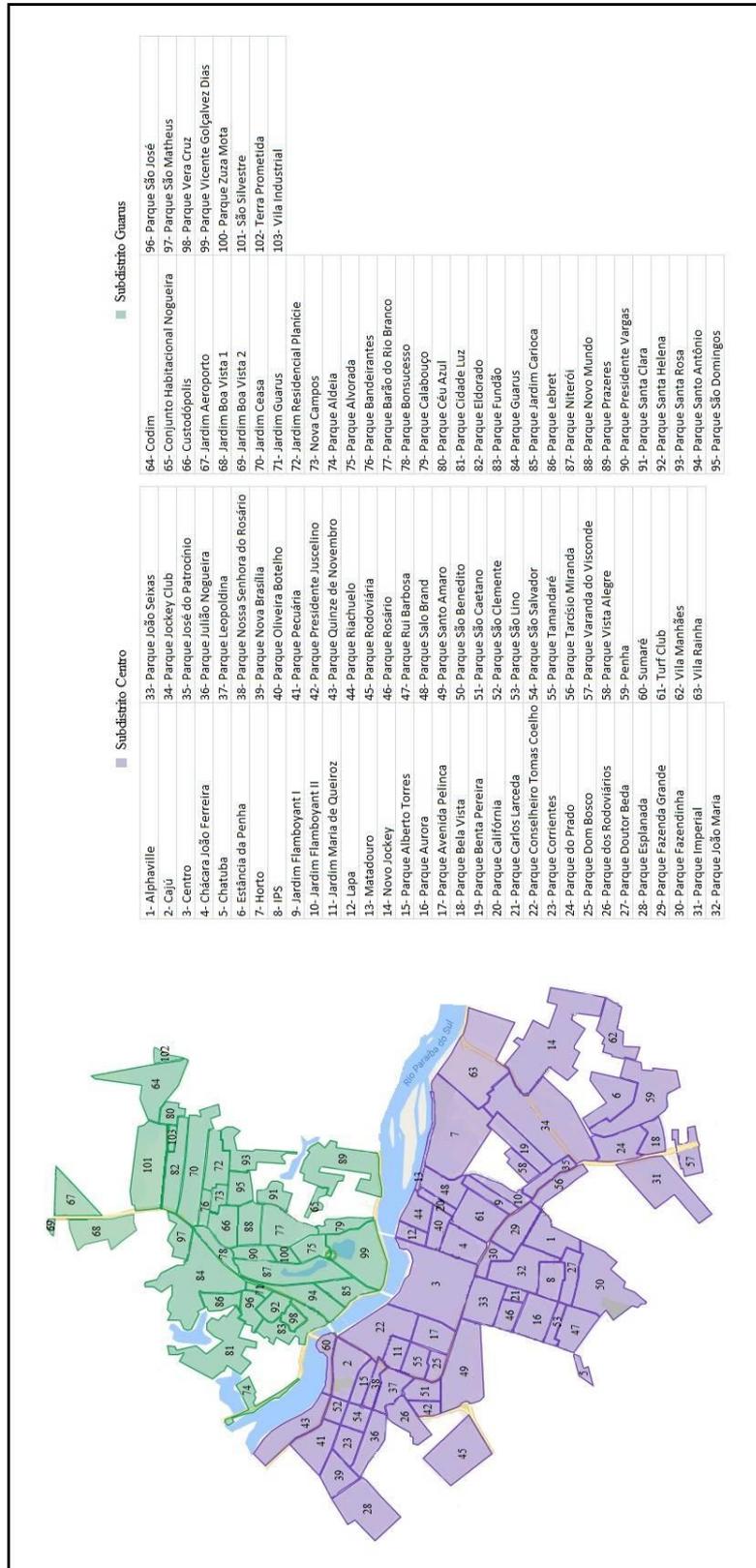
A insegurança tornou-se um discurso recorrente nas cidades contemporâneas. Parte do discurso do medo tem base na realidade, a partir de fatos que ocorrem, entretanto, parte da construção do sentimento de insegurança e medo nas cidades, é construída pela mídia, que gera percepções e representações distorcidas sobre o problema.

As análises sobre a violência estão concentradas nas metrópoles e capitais do território brasileiro. Campos dos Goytacazes pode ser considerada uma *cidade média*, considerando a situação geográfica, conforme as definições de Corrêa (2007) que a define pela combinação entre tamanho demográfico, funções urbanas e organização do espaço intraurbano. Uma das principais características desses espaços é a presença de equipamentos e serviços diferenciados, estabelecendo uma influência urbano-regional.

Segundo IBGE (2010), o município possui uma área de 4.026,370 km², sendo o maior em extensão do estado, com população de 463.731 habitantes. Segundo o CIDAC, a taxa de urbanização em 2010 foi de 90,29%, com crescimento de 6,91% nas últimas décadas. O presente trabalho irá ter como recorte espacial o espaço urbano de Campos dos Goytacazes considerando cento e três bairros. Sessenta e três estão localizados no 1º Subdistrito Centro e os outros quarenta no 2º Subdistrito Guarus. A divisão dos subdistritos é feita por um elemento natural, o Rio Paraíba do Sul que abastece a cidade. (Mapa 1)

05 a 08 de junho de 2017 - Campos dos Goytacazes - RJ - Brasil

Mapa 1. Bairros do espaço urbano de Campos dos Goytacazes.





No processo de seu crescimento existiu segregação por parte do Estado, no que diz respeito às intervenções urbanas. Podemos ver que partes das intervenções ocorreram pelo medo da elite campista da população pobre que frequentava e residia nas áreas centrais, até que através dos planos urbanísticos foram retiradas e removidas para a periferia, sobretudo para Guarus.

Campos tem sofrido intensa modificação em seu espaço urbano, com grande surgimento de condomínios residenciais fechados, que tem como justificativa a problemática da violência nas cidades. Esses condomínios estão concentrados principalmente no primeiro subdistrito Centro. Observa-se intensa insegurança em relação aos bairros do segundo subdistrito Guarus. A problemática é se essa insegurança é baseada em fatos concretos, na violência real, e ou pautada na representação da violência em que a mídia tem papel fundamental.

A violência atualmente está associada à presença de inimigos internos, marginalizando principalmente grupos sociais menos abastados, em outras palavras, está ligada a convivência entre os diferentes tipos de classes (SPOSITO E GÓES, 2013, p 161)

No cenário brasileiro pode-se identificar três dimensões da violência. A percepção, os fatos e as explicações conforme apontam Sposito e Góes (2013). A primeira refere-se a como o indivíduo percebe a violência. A mídia tem papel fundamental, pois reproduz a violência todos os dias nos meios de comunicação. O problema que pode ocorrer, é que a percepção da violência pode ser maior do que realmente na concretude (SPOSITO E GÓES, 2013, p 166). Isto gera maior insegurança na população, pelo fato da sua percepção sobre a violência ser exagerada, pode-se então, haver segregações geradas por violências representadas, em outras palavras, acabam ocorrendo segregações, baseadas somente pela percepção. A segunda diz respeito a fatos de violência concretos, observados através de dados. E por ultimo as explicações, que é resultado dos acontecimentos traumáticos das pessoas. denominado como a *fala do crime* por Teresa Caldeira (2011).



Nesta pesquisa, a violência será abordada na perspectiva de Sposito e Góes¹, a violência como uma instituição social, que agride o corpo, a psique e a consciência de pessoas, bem como comunidades, classes sociais e etnias. Sposito e Góes (2013) expõe o caráter polissêmico da violência, podendo ser física e psicológica, criminosa e consentida, interpessoal e violência da pobreza, entre outros. Caldeira (2011) já apontou que as experiências de violências tendem a ser específicas de cada classe, elas são vítimas de diferentes tipos de delitos, sendo a classe trabalhadora mais afetada pelos crimes mais violentos.

Outros conceitos pertinentes a ser discutido é sobre o espaço urbano e segregação residencial. O espaço urbano é compreendido por Correa (2005), como resultado dos diferentes usos do solo. Esses usos são compreendidos como a organização espacial da cidade, que se apresentam fragmentados, já que definem áreas tais como área de lazer, áreas residenciais, áreas industriais, locais onde se concentra as atividades comerciais, o centro da cidade, áreas que são distintas em forma e conteúdo social. O espaço urbano é fragmentado justamente por esta justaposição de usos, com diferentes agentes e passíveis a mudança no processo histórico. É articulado, pela existência de fluxos de pessoas, mercadorias, informações, decisões. É reflexo da sociedade, pois revela a estrutura social, vista através das classes sociais, onde se observa segregação e desigualdade. É um condicionante social, isto porque as formas espaciais condicionam as práticas sociais, é um espaço simbólico que contém valores, mitos, crenças e Campo de lutas já que existem no espaço urbano conflitos, falta de cidadania e desníveis de renda, gerando movimentos sociais no espaço urbano.

A segregação residencial em Freitas (2011) é entendido como produção e apropriação do espaço urbano pelas formas de moradias. Corrêa (2013) entende como um processo espacial que se manifesta por áreas sociais mais ou menos homogêneas internamente e diferentes entre elas. A segregação residencial sempre existiu, mas no capitalismo se apresenta mais intensa gerando um complexo mosaico social mutável, com espacialização complexa, expressando processos espaciais que geram a

¹ Sposito e Góes (2013), fundamentam-se em Moarais (1985) e Taille (2000) na concepção de violência.



fragmentação do espaço urbano. Villaça (2001), já discorre que não há uma homogeneidade completa, mas graus de homogeneidade.

Para Correa (2005), a divisão social em classes reflete na paisagem urbana. As populações com alto poder aquisitivo vão habitar em áreas mais valorizadas, bem como a própria estrutura da residência será melhor, já a população menos abastada tenderá habitar em áreas menos valorizadas, como suas residências não serão bem estruturadas, tanto no aspecto estético como no acesso a infraestrutura. Este processo é chamado de segregação residencial, em que explica a concentração de população em um dado território do espaço urbano, como uma apropriação desigual do espaço. Ela é uma expressão das classes sociais no espaço, visto que cada classe terá condições de pagar pela residência com características diferentes, destacando que as localizações, ou seja, a acessibilidade, conforme Villaça (2001), implica na valorização desigual do espaço urbano.

2 – OBJETIVOS

Neste trabalho, busca-se analisar a violência real e a representação da violência e suas implicações na segregação residencial em Campos dos Goytacazes. Os objetivos específicos são: investigar e analisar os dados sobre violência por bairros em Campos dos Goytacazes, destacando os bairros classificados como violentos no Centro e em Guarus; Identificar os diferentes tipos de violência urbana por bairros em Campos dos Goytacazes; Investigar os discursos presentes na mídia local sobre os bairros violentos; Compreender a relação entre a percepção da população sobre a violência entre Guarus e Centro, frente os dados concretos e o discursos midiáticos.

3 – METODOLOGIA

Serão utilizadas as seguintes metodologias:

1. Levantamento bibliográfico;
2. Levantamento de dados secundários sobre os principais dados de violência nas cidades como: homicídios, roubos e estupro;
3. Sistematização dos dados: elaboração de tabelas e gráficos;
4. Geração de dados primários: entrevistas qualitativas (abertas e semiestruturadas) com agentes do poder público;

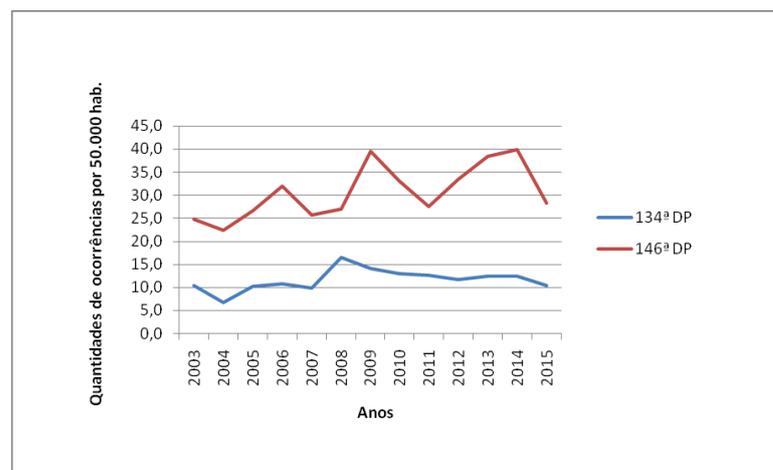
5. Elaboração e análise de mapas identificando os bairros violentos, segundo os tipos de violência sinalizados pelas estatísticas;
6. Levantamento de dados no Arquivo Público Municipal de Tocos sobre violência a partir da análise dos jornais impressos;
7. Análise dos dados e discussão com a literatura.

4 - RESULTADOS PRELIMINARES

Para a análise da violência criminosa em Campos, fizemos o levantamento de dados no período de 2003 a 2015 das ocorrências de crimes no município, destacando quatro crimes que consideramos como aqueles que mais chocam e agridem a população e também são bastante recorrentes: o Estupro, Homicídio, Roubo a transeunte e Roubo a residência. Para entendermos a representação da violência utilizamos os jornais Folha da manhã e O diário no mesmo período de tempo.

No Gráfico 1 podemos verificar a comparação das ocorrências de Homicídio doloso entre a unidade territorial referente a 146 DP e 136 DP no período de análise da pesquisa. A área Norte do município representado pela 146ª DP apresenta índice superior à área Sul.

Gráfico 1. Comparação das ocorrências de Homicídios Doloso entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.

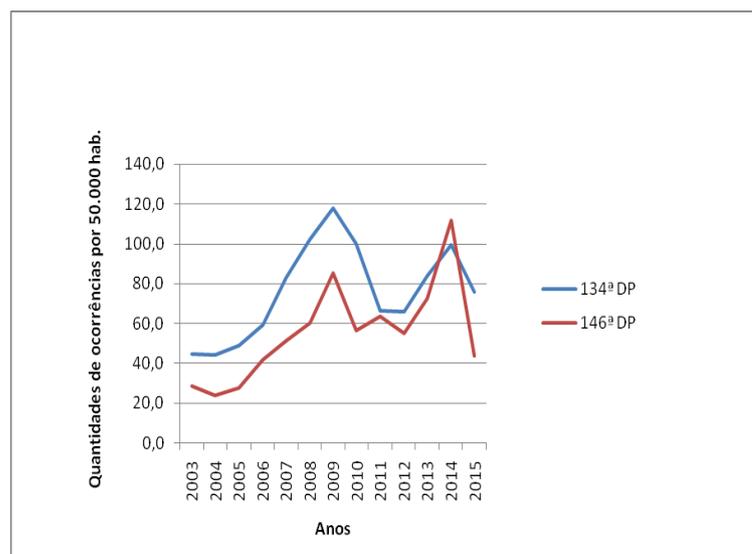


Fonte: Secretaria de segurança pública; Elaboração da autora 2017

De forma geral, a mídia costuma mostrar os crimes mais chocantes, e o homicídio é o que está em constante evidência, e como os dados mostram que a área cujo crime é freqüente na 146ª, como consequência essas áreas vão ser mais exploradas pela mídia. Isso pode causar na população grande sentimento de insegurança e medo com relação a essa região da cidade. Isso combinado com os preconceitos concebidos historicamente em Campos em relação a todo esse território, que tem sido denominado Guarus desconsiderando a existência de bairros, tem refletido na espacialização dos condomínios fechados, na configuração da malha urbana e nas relações sociais estabelecidas no espaço urbano.

O Gráfico 2 evidencia a maior incidência de roubo a transeunte no território da 134ª DP. Nos anos iniciais vemos maior disparidade entre as áreas. Nos últimos cinco anos essa discrepância diminui e no ano de 2014 ocorre à inversão, com a 146ª DP tendo maiores ocorrências. No último ano ocorre significativa queda nas ocorrências de roubo a transeunte na área da 146 DP, voltando a 134ª DP ter mais ocorrências. Os roubos de forma geral não são evidenciados pela mídia, exceto casos específicos como o latrocínio que costumam trazer grande impacto ao público.

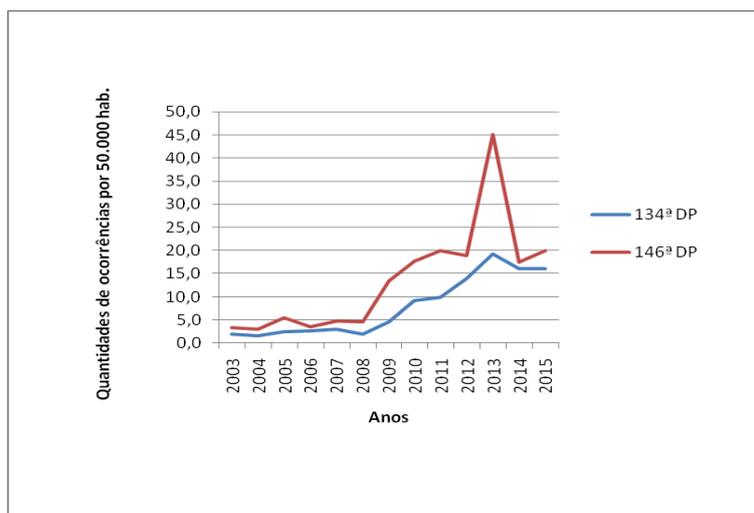
Gráfico 2. Comparação das ocorrências de Roubo a Transeunte entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.



Fonte: Secretaria de segurança pública; Elaboração da autora 2017

O Gráfico 3 mostra grande crescimento do Estupro em Campos, bem como a situação comparativa entre as duas áreas analisadas. A zona da 146ª fica com maiores ocorrências, mas não tem muita diferença entre as zonas, porém no ano de 2013 ocorre expressivo crescimento do estupro da 146ª DF. No ano seguinte ocorre uma queda nas ocorrências, mas não chega a ser menor que a da outra unidade.

Gráfico 3. Comparação das ocorrências de Estupros entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.



Fonte: Secretaria de segurança pública; Elaboração da autora 2017

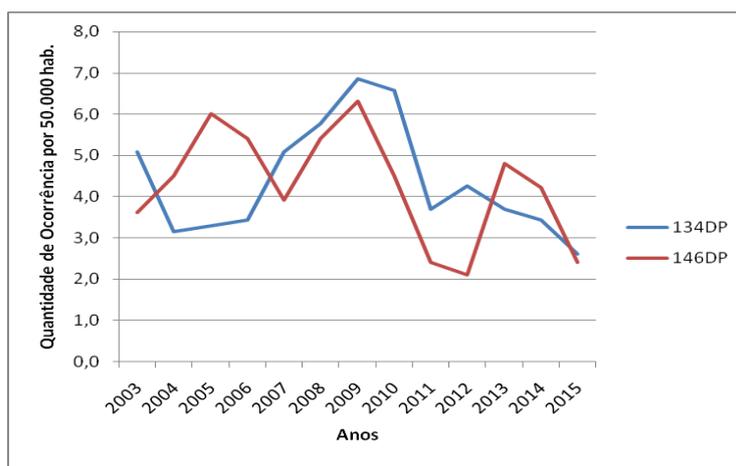
A análise roubo a residência, embora pouco expressiva, foi necessária visto que a população de modo geral têm mudado sua forma de habitação, por medo da violência criminosa, que em maiores casos ocorrem fora de suas residências. A sensação de insegurança ocorre dentro de suas casas uni familiares, ou seja, se sentem inseguros dentro delas. Então fizemos está análise, pois é o único delito que pode explicar a falta de segurança dentro dos lares, já que o crime ocorre exatamente conta a residência.

A princípio já percebemos que ocorrem poucos delitos desse tipo que validasse a insegurança dentro das casas, o gráfico 4 mostra que os valores são inferiores a 7,0 no período analisado. Em 2003 a área da 134 DP começa superior ao da 146DP, nos próximos três anos (2004, 2005 e 2006) o subdistrito Guarus chega a 6,0, maior que a outra área. De 2007 a 2013 o quadro muda e o território da 134DP, fica com números superiores. Em 2012 ocorre a elevação nos dados da 146 DP ficando superior nos anos

de 2013 e 2014. Em 2015 ocorre queda nos números de ambas as DPs, ficando a 134 DP com maior número. Para discutir a representação da violência, analisamos os jornais O diário e Folha da manhã no mesmo período de análise dos dados da Secretaria de segurança Pública.

Podemos analisar que os jornais O diário e Folha da manhã exploram muito as matérias sobre a violência, na maioria sendo destaque em capa. Utilizam várias vezes expressões como “Extermínio de gente” ou “ Escalada da violência” para dá impacto e chamar a atenção para a matéria, fato que alimenta o sentimento de insegurança e aumento da violência.

Gráfico 4. Comparação das ocorrências de Roubo a residência entre as unidades territoriais da 134ª DP e 146ª DP por 50.000 hab. no período entre 2003 a 2015.



Fonte: Secretaria de segurança pública; Elaboração da autora 2017

O crime mais noticiado é o homicídio, em consequência disso veremos mais nas mídias crimes ocorridos em bairros periféricos. Ambos os jornais além de noticiar os nomes dos bairros, fazem questão de informar que os bairros pertencem ao subdistrito Guarus, fato que não ocorre com o Centro, sobretudo no jornal O diário. Podemos observar que a quantidade de notícias e capas ocorridas em Guarus são superiores as do centro.

O poder de decisão da mídia na hora de escolher quais notícias irão ser informadas, sem ter a preocupação de estigmatizar faz com que a violência tenha um caráter difuso, pois ela pode, por exemplo, anunciar somente os homicídios ocorridos no



subdistrito Centro e somente roubo a residência em Guarus, assim a população terá a percepção que no centro ocorre muitos homicídios e em Guarus muitos roubos a residência. O que na realidade é o inverso disso.

Os crimes de estupro quase não são noticiados, por vezes quando são informadas ocultam os nomes dos bairros. Os roubos a transeuntes parecem ocorrer de igual maneira em ambos subdistritos, no Centro que é o bairro de maior ocorrência, ocorre com pessoas que transitam sem meio de transporte e nos bairros periféricos com meio de transporte, sobretudo ônibus com linhas que circulam no subdistrito Guarus e caminhões em bairros que tem proximidade com a BR 101. Roubo a residência ocorrem nos bairros nobres, com capas que anunciam além do crime a posição social da vítima.

Os crimes noticiados nas mídias são apenas informações isoladas que previamente não tem nenhuma preocupação com a classificação negativa de bairros, nem receio em refletir de forma distorcida a realidade do problema.

Na próxima fase da pesquisa estruturaremos quais os tipos de crimes são mais rotineiros nos diversos bairros do espaço urbano, pela necessidade de indicar as especializações dos crimes por bairros, porque apesar da evidente disseminação da violência criminoso no espaço urbano, ela não se apresenta homogênea.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento de dados feito nos proporcionou uma visão geral da violência criminoso no município. Podemos perceber evidente crescimento da violência a partir dos crimes violentos no município que por vezes chega a ser maior que o da Capital e Estado. Observamos também que embora o segundo distrito tenha os maiores valores nos números de ocorrência na maioria dos crimes, ela não se difere muito com a do primeiro subdistrito Centro. O crescimento do crime em Campos no período previsto para análise aliado com a intensa propagação da mídia sobre os crimes ocorridos no município tem gerado intenso medo entre a população. Esta insegurança em relação ao outro proporcionou várias estratégias materiais e simbólicas que operam de forma a estabelecer diferenças, divisões, “evitação”, exclusão e além de restrição de fluxos da população residente do Centro para Guarus. Os comentários, conversas, brincadeiras e piadas que têm o crime como tema não fica restrito aos encontros pessoais, chegando a



ser divulgado em redes sociais, fazendo o medo proliferar. Caldeira (2011) esclarece que a fala do crime reordena simbolicamente o mundo quando elabora preconceitos e naturaliza a percepção de alguns grupos como perigosos. O caso de Campos se assemelha a esse processo de reordenação simbólica quando os residentes da área do Centro naturalizaram a idéia de perigo quando se refere à população que mora em Guarus e da própria Guarus. Esta criminalização simbólica em Campos é um processo social tão difundido e dominante que tem refletido na localização dos condomínios residenciais fechados, com evitação do subdistrito de Guarus, apesar desse modo de habitação ser marcado pela localização em periferias também. A auto reclusão dessas classes tem como uma de suas justificativas, o aumento da violência. A recusa e a falta de interesse por habitações na área expõem um medo tão excessivo, que mostra grande resistência a residir na localidade mesmo sendo rodeado por uma muralha, que é uma das características desse tipo de habitação.

6 – REFERÊNCIAS

CALDEIRA, T. P. do R. *Cidades de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2005.

SPOSITO, Maria E. Beltrão; GOÉS, Eda Maria. **Espaços Fechados e Cidades: Insegurança Urbana e Fragmentação Socioespacial**. ed. Unesp, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In SPOSITO, M.

FREITAS, Kêila P. da Silva. **Produção e apropriação do espaço urbano de Campos dos Goytacazes – RJ: da residência unifamiliar aos edifícios de apartamentos**. [Mestrado em Políticas Sociais]. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In SPOSITO, M. E. B.; **Cidades Médias: Espaços em transição**. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007. p. 23 – 34.



CORRÊA, Roberto Lobato. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: Vasconcelos, Pedro de Almeida; Corrêa, Roberto Lobato; Pintaudi, Silvana Maria. **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013.

VILLAÇA. Flávio. *O espaço intra-urbano*. São Paulo: Studio Nobel, 2001.